

AS RELAÇÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS BRASIL-ÁFRICA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

LÚIS ALBERTO MIRANDA GOVEIA¹
SYNTHIO VIEIRA DE ALMEIDA²
ELZIRA LÚCIA DE OIVEIRA³

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar as relações políticas existentes entre Brasil e África, no atual cenário de globalização da economia, dando enfoque a parte Subsaariana deste continente, durante os dois mandatos do governo Lula 2003-2006/2007-2010. Para análise desta relação entre Brasil-África, procura-se entender o quadro econômico que o continente e africano apresenta neste início de século XXI e o papel da política externa delineada pelo governo do presidente Lula. Com a aproximação política do Brasil com países africanos, aumentou também a presença de empresas transnacionais brasileiras no continente. A seletividade espacial dessas empresas na escolha do espaço africano para a sua inserção maior no mercado internacional está diretamente relacionada ao apoio político encontrado neste início de século.

Palavras-Chave: globalização; Brasil-África, política externa.

Abstract

The article aims to analyze the existing political relations between Brazil and Africa, in the current scenario of globalization of the economy, by focusing on sub-Saharan part of the continent during the two government mandates Lula 2003-2006 / 2007-2010. For analysis of the relationship between Brazil and Africa, looking to understand the economic framework that the African continent and presents at the beginning of XXI century and the role of foreign policy outlined by the government of President Lula. With the political rapprochement between Brazil and African countries also increased the presence of Brazilian transnational companies on the continent. The spatial selectivity of these businesses in choosing the African space to its greater insertion in the international market is directly related to political support found in this new century.

Passwords: globalization; Brazil and Africa; foreign policy

1. Introdução

A globalização e mundialização dão ao espaço um novo significado. As relações capitalistas modernas unificam fragmentando e homogeneízam diferenciando (HAESBAERT, 2013). O mundo se tornou um espaço global do capital, já que este está cada vez mais fluído e desconhece fronteiras. A dinâmica globalizante tem contribuído para o enfraquecimento da autoridade exclusiva dos Estados nacionais sobre as pessoas, seu imaginário e seu senso de pertença. Esse

¹ Acadêmico do Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: luis_campista@yahoo.com.br

² Docente do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. E-mail: synthioalmeida@gmail.com

³ Docente do Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense. E-Mail: elziralucia@id.uff.br

enfraquecimento contribui para a entrada de atores de outras esferas em domínios internacionais, antes exclusivos aos Estados nacionais, transformando circuitos nacionais em globais (SASSEN, 2010). A ruptura de fronteiras, de limites e condicionamentos locais, a expansão da dinâmica do capital em nível mundial, numa integração e cosmopolitismo generalizados contribui para a globalização que vivenciamos no atual período histórico.

Essa fluidez das fronteiras do capital tem transformado a geoeconomia mundial nesse início de século XXI, mudando constantemente os Estados Nacionais hegemônicos nos vários setores da sociedade mundial, dos meios acadêmicos, políticos e midiáticos.

O século XIX será lembrado como o século da Grã-Bretanha. Ela foi a potência econômica dominante. O século XX será lembrado como o século dos Estados Unidos. Ele foi, e é, o poder econômico dominante. Em termos de calendário, o século XXI ainda não começou, mas ao olhar para trás o historiador econômico do futuro registrará o final do século XX um pouco antes. Assim como a queda do Muro de Berlim em 1989 assinalou o fim de uma disputa entre o capitalismo e o comunismo, da mesma forma a integração do Mercado Comum Europeu, em janeiro de 1993, assinalará o começo de uma nova confrontação econômica num novo século ao raiar do terceiro milênio (THUROW, 1992: 27).

Dessa forma o conceito de “Geoeconomia” que procura analisar as relações internacionais, principalmente, do período pós Guerra-Fria explica bem a configuração atual do mundo globalizado. Segundo Luttwak (1990) apud Vesentini (2000), a Geoeconomia está ligada à ideia de lógica de mercado e os fatores econômicos tendem a se sobrepor aos militares na configuração dos territórios e no atual período histórico. Thurow (1992), em tom profético, afirmara que as guerras econômicas passariam a dominar o mundo após o final da Guerra Fria e que no século XXI as competições econômicas é que decidiriam o futuro dos povos.

Na competição econômica que se aproxima, o mundo não estará dividido entre parceiros e adversários. O jogo será simultaneamente competitivo e cooperativo. É possível ser amigo e aliado e no entanto querer vencer (THUROW, 1992: 26)

Estas competições, no entanto, não serão mais como no passado, já que desde o século passado e mais intensamente neste século, há uma grande interdependência econômica entre os países.

Assim, busca-se com este trabalho, compreender o papel do Brasil na globalização, especificamente, a intensificação das relações entre este país e o continente africano neste início de século XXI, destacando o papel da política externa e a expansão das empresas transnacionais brasileiras no espaço africano.

2. Discussão

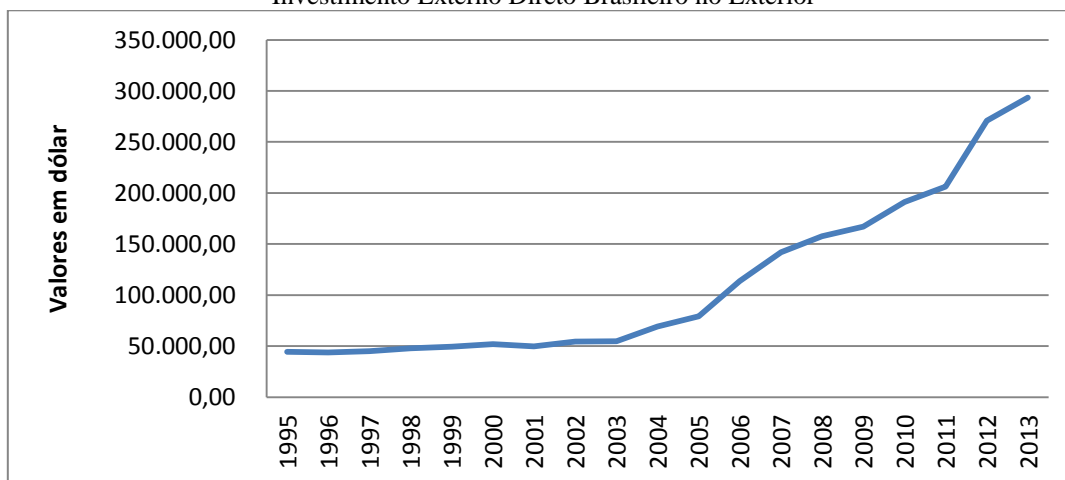
A Política Externa executada pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo Ministério de Relações Exteriores representado pelo ministro Celso Amorim na primeira década do século XXI, concedeu forte destaque à África, sob um discurso dos laços históricos e culturais, da condição de país com segunda maior população negra no mundo e do debate interno sobre a igualdade racial

(VISENTINI; PEREIRA, s.d). Como exemplo dessa importância dada ao continente africano neste início de século, a estrutura interna do Itamaraty foi modificada, aumentando a importância das Divisões de África (I) e (II) e o desmembramento do Departamento da África e do Oriente Médio para dar lugar a mais um departamento, voltado exclusivamente para o continente africano a Divisão de África III (VARGEM, 2008). Contudo os aspectos geopolíticos, estratégicos, econômicos e de apoio internacional são os principais fatores na aproximação com o continente africano.

Durante seu primeiro mandato do Governo Lula (2003-2006), o presidente realizou várias viagens ao continente. Essas viagens incluíram a visita em 17 países e a inauguração de 12 novas embaixadas na região da África Subsaariana (SCHUZTER, 2009), enquanto que as missões diplomáticas africanas em Brasília saltaram de 16 para 33 no final de seu segundo mandato (BANCO MUNDIAL e IPEA, 2011).

Conforme observa-se no gráfico 1 é a partir do primeiro mandato do governo Lula que há uma maior internacionalização das empresas brasileiras, ainda que a participação no total mundial seja pequena, o seu crescimento nos últimos anos é fator considerável na política externa brasileira e nos arranjos da globalização. É interessante notar que mesmo com o fim do governo Lula, o Investimento Externo Direto Brasileiro no Exterior (IED) manteve em crescimento, haja vista que a política externa se pauta, não somente em projetos imediatos, mas principalmente por contratos e acordos de médio e longo prazos.

Gráfico 1
Investimento Externo Direto Brasileiro no Exterior

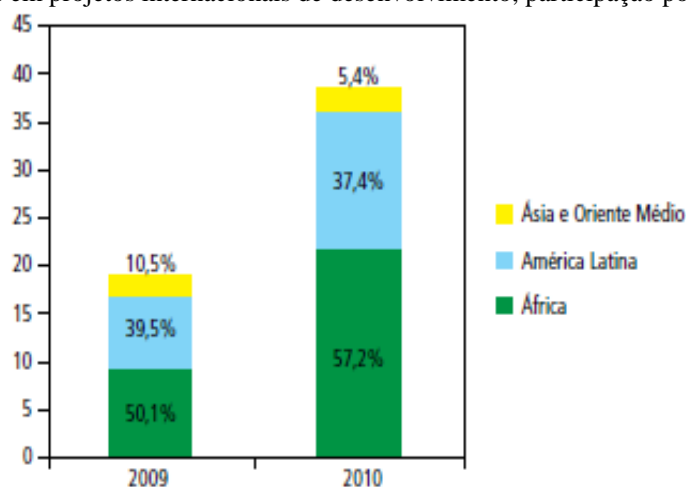


Fonte: Unctad, 2014

O gráfico 2 ilustra a dimensão da participação da África nos projetos internacionais com o Brasil. Veja que a participação do continente africano nesses projetos saltou de 50,1% em 2009 para 57,2% em 2010. Tratam-se com certeza de projetos resultantes de acordos bilaterais desenvolvidos durante dos mandatos do Governo Lula, dado o tempo de maturação para a consolidação de acordos internacionais.

Gráfico 2:

Investimentos brasileiros em projetos internacionais de desenvolvimento, participação por continente, 2009–10.



Fonte: ABC 2009 e 2011.

Entre os projetos internacionais de desenvolvimento com o continente africano destacam-se a cooperação técnica, cooperação científica e tecnológica, cooperação educacional, cooperação humanitária e o apoio e proteção a refugiados.

Ao longo de suas muitas viagens presidenciais à África, o presidente Lula foi acompanhado de comitivas de empresários visando aumentar as transações das empresas brasileiras com países daquele continente e consolidar a presença das empresas brasileiras no território africano.

Essas transações econômicas estão relacionadas ao aspecto diplomático da política externa brasileira, mas também são sustentadas pelas políticas de financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que apoia empresas em suas estratégias de internacionalização, como fica comprovado nos relatórios disponibilizados pelo próprio Banco:

No ano de 2013, é válido registrar a contratação de estudo sobre a diversificação da indústria química brasileira e de estudo sobre a viabilidade de produção de biocombustíveis nos países-membros da União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA) – potencial mercado para internacionalização de empresas brasileiras (BNDES, 2013).

SCHUTZER, analisa as relações políticas e econômicas do Brasil com a África Subsaariana, espaço marginalizado pelo capitalismo global e que recentemente tem sido eleita como espaço para a reprodução do capital das grandes empresas transnacionais de diversos países, incluindo o Brasil.

Parece que a nova política externa brasileira para a região subsaariana é uma tentativa, sem dúvida, atrevida a partir da premissa anterior, que está se mostrando eficaz, para adensar seu portfólio e se afirmar no mundo globalizado, como um ator econômico e político mais qualificado e de maior peso específico, posição que ocupa hoje apenas em relação aos seus vizinhos no Mercosul, devido à sua condição de potência regional e/ou média. Apesar de estar entre as dez maiores economias do planeta, o Brasil

participa com somente 1% do comércio mundial, e a sua imagem internacional é ainda a de um mero exportador de bens primários (SCHUTZER, 2009, p. 39).

Em tempos em que o capitalismo corporativista global se expandiu por quase todos os espaços do planeta, as expectativas de lucros e novos mercados buscam os espaços anteriormente preteridos pelo capital, como é o caso da África Subsaariana. Esta região tem apresentado um notável crescimento econômico, sobretudo, devido às atividades dos setores petrolíferos e de construção civil.

A África Subsaariana cresceu à taxa média de 5,3% entre 2000-2012 e, dos dez países com maior crescimento no mundo no período, seis⁴ são africanos (BRASIL, 2014).

Um dado que pode ser analisado para ilustrar a participação da África no sistema internacional é o fluxo de Investimento Externo Direto (IED), que somente em 2005, atingiu no continente africano, a cifra de U\$\$ 31 bilhões, apontando um crescimento de 200% no período 2000-2005, devido principalmente a um forte crescimento dos lucros das empresas que operam no continente e pelo elevado preço das commodities lá produzidas (RIBEIRO, 2009).

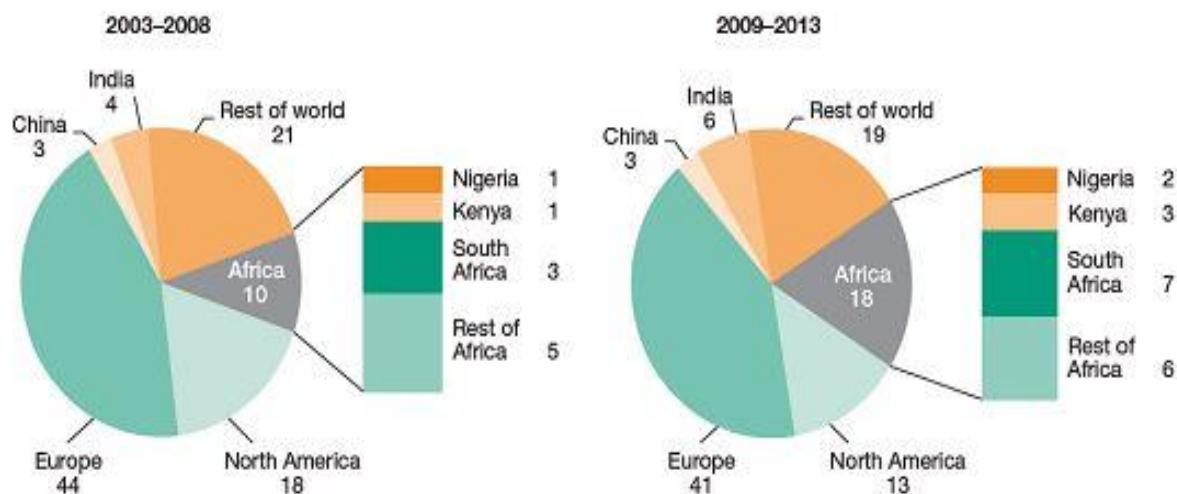
De acordo com Saraiva “a África vem superando o drama histórico das guerras internas e internacionais” (2008, p.77), pois, os conflitos foram uma causa importante da pobreza no continente, que passaram de quinze durante os anos 1980-90 para três neste início de século. Tendo como objetivo superar esse drama histórico, a África começa a se projetar e ser objeto de projeção de outros países no sistema econômico e estratégico internacional, já que em solo africano se encontram mais da metade de diamantes e ouro do planeta, além de petróleo, que é um importante recurso energético, e muitos outros minerais, despertando os interesses de inúmeros países, entre eles o Brasil. Saraiva em seu artigo “A África no ordenamento internacional do século XXI: uma interpretação brasileira” afirma que: “ela [a África] está no centro de uma concorrência fortíssima de interesses e interessados de todas as partes do globo” (SARAIVA, 2008, p.89).

Essa nova dinâmica econômica da África Subsaariana neste início de século XXI tem contribuído para a atração de atores globais na busca de expansão de suas áreas de influência econômica. Isto ocorre não somente com as empresas transnacionais, mas também através dos Estados em seus processos expansionistas. O gráfico 3 evidencia o aumento do fluxo de IED para a África no período de 2003-2008 e 2009-2013. Enquanto a Europa e América do Norte apresentaram um recuo no número de Investimento Estrangeiro Direto em suas regiões, a África ampliou sua participação no total mundial. Entre os atores interessados em expandir seus capitais no espaço Subsaariano, e de conseguir fatias dos abundantes recursos minerais que o continente detém, citam-se os grandes esforços realizados por China e Índia (FIORI, 2008). Mas, também do Brasil que se aproveita de um discurso que ressalta os aspectos culturais e a língua comum, com alguns países, para expandir sua influência e barganhar apoio político e novos espaços para a reprodução de seu capital.

⁴ Angola (13,8%), Guiné (8,4%), Tanzânia (7,5%), Guiné Equatorial(11,3%), Ruanda (11,2%) e Níger (9,5%)

Gráfico 3

Distribuição Geográfica de investimentos na África por número de projeto 2003-2008 e 2009-2013, (%)



Fonte: UNCTAD, World Investment Report 2014.

No início do século XXI, com os dois mandatos do governo Lula, as relações políticas e econômicas entre o Brasil e a África se intensificaram. As articulações entre esses Estados do Sul, ou seja, do mundo em desenvolvimento, é conhecida como relações Sul-Sul, e de acordo com Fiori, essas relações, articulações e cooperações tem adquirido peso importante no “mundo do capital e do poder”, além de estar expandindo a capacidade de gerar interesses concretos no mundo globalizado, (FIORI, 2004).

Uma das principais classes ou agentes dessa dinâmica econômica que se apresenta no mundo globalizado são as empresas transnacionais. Essas empresas têm internacionalizado cada vez mais sua atuação, ampliando seus mercados. O BNDES em seu estudo sobre as transnacionais brasileiras, afirma que, segundo relatórios da UNCTAD o Brasil é o 4º país com mais Investimento Externo Direto entre os países em desenvolvimento. Esse fluxo de IED do Brasil é percebido, também, através da participação das empresas brasileiras no espaço africano que tem crescido nos anos últimos anos.

3. Metodologia

O estudo se baseou em dados quantitativos e qualitativos, adotando uma metodologia norteadas pela pesquisa documental, em que foram analisadas fontes primárias e secundárias, tais como: livros, artigos, reportagens, fontes bibliográficas eletrônicas, documentos oficiais do governo brasileiro, e estudos sobre a temática proposta, a fim de se levantar dados e informações que deram subsídios à pesquisa.

4. Resultados

Analisando a Figura 1 percebe-se que as empresas transnacionais brasileiras estão interessadas em garantir mercados no espaço da África e que essa iniciativa se expandiu nos anos recentes. Diversas empresas brasileiras estão presentes no espaço subsaariano com grande capital investido, com destaque para a Andrade Gutierrez, Odebrecht, Marcopolo, Camargo Correa, Vale e Petrobrás (GOVEIA, 2010).

A presença das empresas brasileiras no espaço africano, que se inseriram durante os dois mandatos do governo Lula ou ampliaram suas participações, revelam a intensificação das relações econômicas entre o Brasil e esse conjunto de países que compõe a África e em especial a região Subsaariana⁵. Esse espaço tem se consolidado como área de grande vantagem para a reprodução do capital brasileiro. Ainda nesta região, Angola é um país que se destaca, pela presença de, pelo menos, cinco grandes transnacionais brasileiras. De acordo com Correia:

a internacionalização do capital aparece como uma solução para a sua reprodução ampliada: expansão para novos territórios onde o custo da força de trabalho é mais baixo, possibilitando o aumento da taxa de exploração e, portanto, da taxa de lucro (PALLOIX, CHRISTIAN, 1978 apud CORRÊA, 1991, p. 138).

⁵ Entre os países que mais recebem IED brasileiro no continente africano, destacam-se Angola, Moçambique e África do Sul (Brasil, 2014).

XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO
DE 9 A 12 DE OUTUBRO

Figura 1
As maiores Transnacionais Brasileiras no Continente Africano



Fonte: Goveia, 2010.

Contudo, apesar dos impulsos da globalização por uma internacionalização cada vez maior das empresas, existem distintos critérios espaciais, que impulsionam a atuação de uma determinada corporação em um determinado espaço, visto que o capital atua numa lógica muito seletiva na busca de novas localizações (HAESBAERT, 1999). Ou seja, os agentes que buscam novas espaços de expansão

do capital atuam segundo uma seletividade espacial (CORRÊA, 1991) ou fatores locais (BENKO, 1996).

Como discutido, o continente africano, atualmente, tem apresentado notável crescimento econômico, além de alguns países apresentarem uma proximidade cultural com o Brasil, como é o caso especialmente dos PALOP's (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), em que se destaca Angola. Além disso com o apoio do governo brasileiro através do estreitamento das relações político-diplomáticas e através de financiamentos e incentivos à internacionalização, pode-se considerá-los como um conjunto de fatores que propiciou essa seletividade espacial por parte das transnacionais brasileiras.

5. Considerações Finais

É possível observar que no início do século XXI, o Brasil tem se posicionado com destaque no cenário internacional, por meio de suas empresas transnacionais e também das ações de política externa de seus governos recentes, aparecendo como ator importante na globalização que se desenvolve, principalmente, na relação entre os países semiperiféricos ou periféricos. Ao mesmo tempo em que a África vem apresentando notável crescimento econômico, o Brasil aproveita para expandir a reprodução do capital de suas empresas no território africano. Apesar da pouca atenção dada à política externa pelo atual governo, o país ainda colhe os frutos da ousada política externa do governo do presidente Lula.

6. Referências Bibliográficas

BRASIL. Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social . **Relatório Anual 2013**. Disponível em: <

http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/RelAnual/ra2013/relatorio_anual_2013.pdf> Acessado em: 10 de jun. 2015

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Blog Diplomacia Pública: Semana da África**, 2014. Disponível em: <http://diplomaciapublica.itamaraty.gov.br/83-semana-da-africa>.

Acessado em: 20 de jul. 2015.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação e Espaço – uma nota. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v.53, n.1, jan/mar. 1991. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201991%20v53_n1.pdf>. Acessado em: 25 ago. 2010.

_____. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v.54, n.3, jul/set. 1992. pp.115-121. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201992%20v54_n3.pdf>. Acessado em 25 ago. 2010.

FIORI, José Luís. A nova geopolítica das nações e o lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul. 2004. Disponível em: <<http://www.unicap.br/neal/artigos/ProfFiori.pdf>>. Acessado em: 25 out. 2010.

_____. Provavelmente Deus não é africano. **Carta Maior**. 28 de abril 2008. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Provavelmente-Deus-nao-e-africano/6/14159>>. Acessado em: 10 de jun de 2015

FUNDAÇÃO DOM CABRAL (FDC). **Ranking FDC das Multinacionais Brasileiras 2014** Disponível em: <http://www.fdc.org.br/blogespacodialogo/Documents/ranking_fdc_multinacionais_brasileiras2014.pdf> . Acessado em: 10 de jun. 2015

GONÇALVES, José. Relações econômicas Brasil-África. In: COELHO, Pedro M. P.; SARAIVA, Flávio S. **Fórum Brasil-África: política, cooperação e comércio**. Fortaleza, 2004.p. 191-206

HAESBARERT, Rogério. Os dilemas da Globalização-fragmentação. In: HAESBAERT, Rogério (org.). **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: Editora da UFF, 2013.

IPEA; BANCO MUNDIAL. **Ponte sobre o Atlântico. Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento**. Washington, 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_pontesobreatlanticopor.pdf> .

RIBEIRO, Cláudio Oliveira. **Relações político-comerciais Brasil-África (1985-2006)**. 2007. f. 243. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo. (a) Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-31102007-145644/pt-br.php>>. Acessado em: 03 ago. 2010.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **A África no ordenamento internacional do século XXI: uma interpretação brasileira**. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, pp. 75-106, jul. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/viewFile/6740/4042>>. Acessado em 20 jul. 2010.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010

XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO
DE 9 A 12 DE OUTUBRO

SCHUTZER, Herbert. **Geopolítica brasileira na África Subsaariana: assertivas cooperativas e/ou conflitivas dos governos de Geisel (1974-1979) e Lula (2003-2006)**. 2009.f. 210. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&lang=pt-br&id=37A14D6EE313>.

VARGEM, Alex. **A Política Externa Brasileira para a África no Governo Lula**. Ponto-e-vírgula, 4: 6 – 11, 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14151/10399> Acessado em 10 de jun 2015

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. Coleção Caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto. 2000

VESENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia D. **A política africana do governo Lula**. [s.d]. Disponível em; <<http://www6.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo40.pdf>>. Acessado em: 13 ago. 2010.